

## ASPECTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS PARA O ESTUDO DA HISTÓRIA DA IGREJA

Alisolete Antônia dos Santos Weingartner

A Igreja é uma instituição cuja origem partiu da necessidade que o homem tem em buscar explicações para aquilo que ele considera desconhecido, sobrenatural.

A Igreja cristã, nos primeiros séculos, criou uma estrutura à semelhança da existente no Império romano, na qual a cidade sede do episcopado é o centro da vida religiosa; aí, o bispo, rodeado de padres, diáconos e clérigos inferiores, julga, prega e batiza. A Igreja é, no Império, uma sociedade autônoma com seu sistema de governo e as suas regras de disciplina.

Essa Igreja não permaneceu estática, presa à antiga estrutura romana, ela evoluiu juntamente com a sociedade, porque ela é parte dessa sociedade. A Igreja, hoje, não pode ser vista apenas “*como uma grandeza sacramental imutável ou como a construção inabalável na rocha dos séculos*”<sup>1</sup>, porque o homem que faz parte dessa Igreja, seja como dirigente ou como fiel, é oriundo da sociedade profana.

Isto é, a Igreja é feita do homem que vem de uma sociedade profana, com a qual a Igreja, como instituição, se relaciona. Nesse relacionamento, a Igreja impõe seus dogmas, sua ideologia, mas, ao mesmo tempo, essa Igreja sofre, em sua estrutura, a influência das contradições peculiares que estão no interior da sociedade profana e no seu próprio interior. Essa complexa interação provoca mudanças na maneira de pensar do religioso e dos fiéis, isto estimula a evolução da Igreja

---

<sup>1</sup> MÖNNICH, C. W. *A história da Igreja, no conjunto das ciências do homem*. Concilium 1970/7. P. 848

enquanto instituição e, por conseguinte, sua história também evolui.

Nessa Evolução, observa-se que as mudanças religiosas são vinculadas às mudanças sociais, as quais

*“produzem, nos fiéis, modificações de idéias e de desejos que os obrigam a modificar as diversas partes de seu sistema religioso. Há uma continuidade de ida e volta, uma infinidade de reações entre os fenômenos religiosos, a posição dos indivíduos no interior da sociedade e os sentimentos religiosos desses indivíduos. A densidade de população, as comunicações mais ou menos extensas, a mistura de raças, as oposições de textos, de gerações, de classe, de orações, de invenções científicas e técnicas, tudo isso age sobre o sentimento religioso individual e transforma, assim, a religião”<sup>2</sup>.*

Entretanto, na história da Igreja, nem sempre os debates sobre as relações das ciências com a religião foram compreendidos e aceitos por aqueles que escreviam a sua história. A contradição entre a fé religiosa e o pensamento científico, que por alguns séculos impediu uma revisão da sua historiografia, paradoxalmente, desperta o interesse científico dos historiadores em compreender a Igreja como instituição, porque seus dirigentes e seus fiéis são pessoas vinculadas aos quadros políticos, sociais, econômicos, culturais e psicológicos da sociedade.

Ao estudar a história da Igreja, deve-se levar em conta as relações humanas, as quais produzem fenômenos, que não podem ser reduzidas à observações temporais, eles tornam-se mais compreensíveis à luz da sociologia, psicologia, economia, ciências políticas, lingüística, estatística, etc.

As ciências humanas são indispensáveis para a história da

---

<sup>2</sup> JULIA, Dominique. A religião: história religiosa. In: LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre. *História, novas abordagens*. 4.ed. Rio de Janeiro : Francisco Alves, 1995. p.106.

Igreja, porque fornecem instrumentos para a pesquisa, formulam perguntas que orientam as investigações, norteiam a crítica a qualquer historiografia e “aos perigos de ideologizar e mitologizar que ameacem a historiografia eclesiástica”<sup>3</sup>. Portanto, qualquer definição que se faça da Igreja deve-se considerar a realidade humana.

Em suma, o que interessa para o historiador “*não é a condição de verdade das afirmações religiosas que estuda, mas a relação que mantém essas afirmações, esses enunciados com o tipo de sociedade ou de cultura, que os explicam*”<sup>4</sup>.

A história da Igreja não pode ser descrita por medidas de valor eterno. O homem que vive a religião pode ser o mesmo que escreve a história, entretanto o historiador não deve prender-se apenas ao aspecto teológico. Ao analisar a história da Igreja, numa dada sucessão de tempo, o historiador deve estudar a Igreja nas manifestações visíveis, deve procurar nas fontes o conteúdo fenomênico dessa Igreja, e não o providencial. Os fenômenos religiosos retratam o homem no exercício da religião ou na busca do todo poderoso.

O fenômeno religioso, vivido nas relações humanas, enquadra-se, do ponto de vista temporal, ao tempo longo, isto é, as mudanças de comportamento, as transformações e evolução dos hábitos e as mudanças de visão de mundo são muito lentas. Isso se passa com toda a história, “*mas no caso da história religiosa o processo é extremamente lento*”<sup>5</sup>. Por isso, a história da Igreja necessita do auxílio das ciências, para que estas ofereçam-lhe instrumentos que facilitem e norteiem sua investigação, perguntas, críticas. Em suma, as ciências e a história da Igreja examinam a mesma realidade que é o comportamento humano.

---

<sup>3</sup> MÖNNICH, C. W. Op cit. p. 108.

<sup>4</sup> JULIA, Dominique. Op cit. p. 108.

<sup>5</sup> DUPRONT, Alphonse. A religião: Antropologia religiosa. In: LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre. *História, novas abordagens*. 4.ed. Rio de Janeiro : Francisco Alves, 1995. p.84.

Isto significa que uma das tarefas da história da Igreja “*é existir, ou seja, constituir-se e compreender-se a si própria. Existir significa impor-se, conquistar um direito e defender uma liberdade*”<sup>6</sup>. Esta tarefa não é fácil, porque a história esbarra com uma interpretação geral do passado, ligada a uma imagem global, que cada Igreja faz de si, de sua missão e de sua evolução. Essa interpretação foi sedimentada ao longo da evolução histórica, daí as resistências a certos questionamentos ou, às vezes, a rejeição dos mesmos. Essas resistências e rejeições fazem parte daquelas mudanças lentas dos hábitos e visão de mundo.

O historiador deve tratar a história da Igreja como uma disciplina histórica, “*não podendo qualificá-la de disciplina teológica ou deixar que a teologia determine o objeto*”<sup>7</sup>. Entretanto, a teologia, assim como as outras disciplinas, auxiliam o trabalho do historiador.

Percebe-se, também, que a “*história da Igreja foi muitas vezes reduzida a uma história de clérigos, a uma história do sacerdócio ministerial*”<sup>8</sup>, privilegiando fatos mais insignificantes ou banais relativos a instituição e aos homens que a encaram, em detrimento dos fenômenos que tiveram dimensão histórica na sociedade. Os vazios existem na história da Igreja, apesar dos trabalhos realizados, o historiador ainda não conseguiu responder todas as perguntas que poderiam elucidar as lacunas da história da Igreja nos diferentes períodos históricos.

O historiador por mais que queira escrever uma história total, universal, ele se depara com

*“uma sociedade em que o homem sempre foi um lobo para o homem, e onde a “trégua de Deus” não passou de uma instituição efêmera, defronta com uma sociedade dilacerada*

---

<sup>6</sup> POULAT, Emile. *Compreensão histórica da Igreja e compreensão eclesiástica da história*. Concilium, 1971/7, p. 821.

<sup>7</sup> Idem, p. 816.

<sup>8</sup> ALBERIGO, Giuseppe. *As novas fronteiras da história da Igreja?* Concilium 1970/7, p. 872.

*por conflitos e contestações em que o cristianismo está longe de aparecer como um fator de paz e de unidade”<sup>9</sup>.*

Além disso, o historiador sabe que a neutralidade não existe, que ele trabalha com uma verdade relativa, porque ele não tem acesso a todos os documentos produzidos por um fato, não domina, através do conhecimento, todas as correntes de pensamento: e ainda, o historiador sabe que a história da Igreja não é uma história “santa”.

Diante desta complexidade, o historiador deve decidir sobre o que falar e saber do que falar. Esse historiador compreende que a história só conseguirá explicitar e explicar os fatos aplicando-lhes as ciências humanas. Isto é, o historiador não faz falar os clérigos, os papas, os fiéis, ele fala em seu lugar, fala-nos deles, diz-nos quais foram as realidades e as ideologias vividas por eles; o historiador fala sua própria língua, não fala a deles e, ele vê a realidade sob as aparências e as mistificações, não fala a linguagem dos heróis; fala-nos deles numa meta-linguagem, a da verdade científica<sup>10</sup>. Com isso, percebe-se que a atitude científica do historiador não é neutra e a verdade com a qual ele trabalha é relativa, e ainda percebe-se que a história, cada vez mais, é aplicação das ciências do homem, e que ao utilizá-las as faz progredirem.

Essa evolução das ciências, em particular da história e do papel do historiador, permitiu que os historiadores da Igreja discutissem o problema da consciência ecumênica, assunto que outrora não era abordado por esses historiadores. Essa discussão levou-os a reconhecer que

*“a rápida e substancial modificação no curso do modo de conceber a Igreja, em todas as correntes cristãs, implicava uma modificação da história da Igreja que, mesmo continuando ciência histórica, adquiria também a característica de uma autêntica disciplina teológica”<sup>11</sup>.*

---

<sup>9</sup> POULAT, Emile. Op cit, p. 820.

<sup>10</sup> VEYNE, Paul. *Inventário das Diferenças*. Lisboa : Gradiva, 1989. p. 17.

Alberigo propõe que

*“o objeto da história da Igreja deve ser a Igreja e, por isso, as Igrejas Cristãs, tomando esta expressão não em sua acepção dogmática, mas na fenomenologia, ou seja, entendendo todas as manifestações de vida, pensamento, organização se referiram ao cristianismo, cujo estatuto histórico é um estatuto eclesial”*<sup>12</sup>.

Assim, a história da Igreja, auxiliada pelo progresso das ciências, vivencia

*“a passagem da história parcial e puramente factual (événementielle) à história global, isto é, à reconstrução de um acontecimento histórico mediante o estudo de todos os fatores que o constituíram, e ainda dos aspectos da realidade que podem tê-lo condicionado ou que de alguma sorte tiveram relação com ele”*<sup>13</sup>.

O historiador, no seu trabalho de revisão da história da Igreja, compreende essa história como as sucessivas e simultâneas autocompreensões da Igreja, às quais situam-se em níveis diversos. Cada uma tem seu próprio estatuto epistemológico e referem-se às múltiplas correntes de pensamento, cada uma inspira sua própria historiografia. A autocompreensão da Igreja é uma fórmula teórico-metodológica que estimula a reflexão e favorece diferentes interpretações do processo no qual a Igreja acha-se inserida<sup>14</sup>.

A autocompreensão da Igreja é entendida como método na medida em que se analisa as diversas maneiras de auto-entendimento,

---

<sup>11</sup> ALBERIGO, Giuseppe. op cit, p. 875.

<sup>12</sup> ALBERIGO, Giuseppe. op cit, p. 876.

<sup>13</sup> Idem, p. 877, 878.

<sup>14</sup> WERNET, Augustin. *Reforma do clero paulista de Dom Antônio Joaquim de Melo*. Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica. Anais dos III Reunião. São Paulo, 1984, p. 125.

as diversas imagens que a Igreja tem de si mesma. E a quando ela ajuda a selecionar os objetos, a orientar a pesquisa, a nortear as observações empíricas e a dar sentido ao que de outra maneira seriam descobertas desconexas. A “*história eclesiástica, vista como sucessivas autocompreensões da Igreja, inscreve-se nas grandes superestruturas de cada época, seja nas suas formas institucionais, em sua linguagem e em seus modos de pensar*”<sup>15</sup>.

Estudando a história da Igreja no Brasil, percebe-se que essa história enquadra-se em três fases marcantes na história brasileira: colônia, império, república, as quais definem três autocompreensões da Igreja: “o catolicismo tradicional”, “*o catolicismo iluminista*” e o “*o catolicismo ultramontano*”<sup>16</sup>.

A colonização portuguesa, através do catolicismo tradicional, trouxe para o Brasil o cristianismo. A Igreja, “*durante quase quatrocentos anos, foi integrante da estrutura do Estado e foi instância geradora dos valores, tanto do Estado como da sociedade*”<sup>17</sup>.

Entretanto, a historiografia brasileira só recentemente dedicou estudos sobre a história da Igreja, não apenas para compreender sua evolução histórica, mas também para entender suas relações com a sociedade brasileira.

Estudo da autocompreensão da Igreja possibilita uma visão global da história da Igreja, não no sentido de universalidade, mas no sentido de uma história mais compreensível, mais completa, na qual a verdade é evidência através do auxílio e do progresso das ciências.

---

<sup>15</sup> Id, Ib.

<sup>16</sup> Id, Ib.

<sup>17</sup> BEOZZO, José Oscar. A Igreja entre a Revolução de 1930, o Estado Novo e a Redemocratização. In: FAUSTO, Boris. *O Brasil Republicano: economia e cultura (1930-1964)*. São Paulo : Difel, 1995.

**BIBLIOGRAFIA**

- ALBERIGO, Giuseppe. *As novas fronteiras da história da Igreja?* Concilium, 1970/7.
- BEOZZO, José Oscar. A Igreja entre a Revolução de 1930, o Estado Novo e a Redemocratização. In: FAUSTO, Boris. *O Brasil Republicano: economia e cultura (1930-1964)*. São Paulo : Difel, 1995.
- DUPRONT, Alphonse. A religião: antropologia religiosa. In: LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre. *História, novas abordagens*. 4.ed. Rio de Janeiro : Francisco Alves, 1995.
- JULIA, Dominique. *A religião: história religiosa*. In: LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre. *História, novas abordagens*. 4.ed. Rio de Janeiro : Francisco Alves, 1995. p.106-131.
- MÖNNICH, C. W. *A história da Igreja, no conjunto das ciências do homem*. Concilium, 1970/7.
- POULAT, Emile. *Compreensão histórica da Igreja e compreensão eclesiástica da história*. Concilium, 1971/7.
- SANCEROTTE, A. *As sucessivas autocompreensões da Igreja vista por um marxista*. Concilium, 1971/7.
- WEILER, Anton. *História eclesiástica como autocompreensão da Igreja*. Editorial. Concilium, 1971/7.
- WERNET, Augustin. Reformas do clero paulista de Dom Antônio Joaquim de Melo. In: III REUNIÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE PESQUISA HISTÓRICA. *Anais...* . São Paulo, 1984.
- \_\_\_\_\_. Antigas irmandades e novas associações religiosas. *Revista da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica*, Curitiba, p. 55-61, 1992.
- VEYNE, Paul. *Inventário das Diferenças*. Lisboa : Gradiva, 1989, p.17.